

Estudo aponta perdas do Brasil

Da Agência Estado

Rio — Um estudo realizado pela Comissão Econômica para a América Latina (Cepal) apontou que o Brasil está no topo da lista dos países da região que mais perderam com a crise econômica dos anos 80. Enquanto entre 1950 e 1980 a taxa média de crescimento anual do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro foi de 7%, entre 1980 e 1992 caiu para 1,3% — e, de 1991 a 1997, ficou em apenas 2%. O trabalho foi apresentado ontem pela diretora da divisão de desenvolvimento econômico da Cepal, Barbara Stallings, durante o 7º Congresso de Economistas da América Latina e Caribe, que termina hoje no Rio.

A comissão analisou o impacto das reformas econômicas em nove países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Jamaica, México e Peru. Os técnicos calcularam o crescimento econômico entre 1950 e 1980 e compararam os números com os diferentes períodos de crise e de recuperação vividos pelos países. O estudo, então, os dividiu em dois grupos: perdedores — Brasil, Colômbia, Costa Rica, Jamaica e México — e vencedores — Argentina, Bolívia, Chile e Peru.

Apenas a Jamaica apresentou um quadro pior do que o Brasil: o crescimento, de 5,5%, passou a ser negativo entre 1974 e 1986 (1,2%) e, nos anos 90, ficou em 0,2% ao ano. Em média, o grupo

dos vencedores cresceu 4% ao ano até 1980, teve taxa negativa de 0,9% durante a crise e atingiu a faixa dos 6% nos anos 90. Já os perdedores caíram da taxa de 6,1% para 0,8% na crise e 2,5% nos tempos atuais. "Os países que hoje crescem mais são os que tiveram as menores taxas até 1980", ressaltou.

O período entre 1950 e 1980 foi considerado o período-base, no qual houve crescimento generalizado, com destaque para o Brasil. Outro período é o da crise, e varia de acordo com a entrada do país nessa fase, na maioria dos casos, em 1980. O Chile entrou em 1974. O Brasil não é listado nessa fase transitória, aparecendo logo no período cha-

mado de crescimento pós-crise, a partir de 1992, quando termina, para efeitos do quadro montado, a crise do país.

Barbara explicou que vencedores são os que cresceram no período pós-crise mais que no período-base. Perdedores são os que fizeram o caminho inverso. Ela disse que o Brasil perde porque começou as reformas tardeamente. "Na primeira metade desta década, quando era mais fácil estabilizar crescendo, o Brasil estava em hiperinflação", disse.

No caso brasileiro, ela apontou que nem sempre os recursos vindos das privatizações foram usados para abater a dívida pública. Barbara lembrou, no entanto, que o crescimento eco-

nômico vivido pelos países da América Latina não resultou numa melhoria na distribuição de renda da região.